

Para o escritor Bertelli, a Amazônia das minorias e dos rios só não tem vocação para ser alvo da cobiça internacional.



Livro conta a história da desafiante e mitológica Amazônia

Quando os primeiros conquistadores espanhóis puseram o pé na Amazônia, por volta de 1635, vislumbraram o que Claude d'Abeville, primeiro jesuíta francês a visitar a região, em 1643, chamaria de "o rio das santas escrituras". O que espanhóis encontraram era ainda mais surpreendente: nas margens do rio, destemidas guerreiras de um seio só, robustas e lindas, estavam prestes a atacar. Em seu contato com os povos da ocupação, entretanto, as mulheres ofereceram o amuleto de muraquitã, que tem o poder da fortuna, da glória, do amor e da sedução.

A lenda das Amazonas — que deu origem ao nome do rio de 6.500 quilômetros, dos quais 3.165 em terras brasileiras — correu mundo até fixar-se definitivamente nas páginas do livro *A Amazônia*, que o cirurgião e cancerologista Antônio de Pádua Bertelli lançará no próximo mês por editora de nome mitológico: Uyara.

Os costumes mais arraigados das minorias que habitam a floresta, suas crendices e mitos estão nas 300 páginas e nove capítulos do trabalho de Bertelli. Duendes, seres sobrenaturais e monstros que, segundo os ribeirinhos, enfeitaram as matas e os rios, a exemplo do fantasma

de Cortez, conquistador do México que abandonou seu cavalo ferido na fronteira amazônica da Venezuela e até hoje persegue a população assustada de Roraima.

Além de retratar com palavras o mundo onírico e a cultura dos povos da floresta, Bertelli reuniu em seu livro 600 ilustrações a cores, todos os selos já lançados sobre a Amazônia, entrevistas, depoimentos e um mapa inédito desenhado em 1780 pelo matemático português Joaquim José Vitorino da Costa. Do cipó do Santo Daime ao close da ararajuba, o pássaro mais raro da Amazônia, cotado em US\$ 4 mil nos Estados Unidos, nada parece ter fugido à radiografia humanista de Bertelli.

Mas nem só em mitos e folclore se sustenta a obra de Bertelli. Há também informações científicas relevantes. No capítulo sobre a fauna nativa, o médico destaca a variedade e o colorido das aves e dos mamíferos e aponta peculiaridades da ictiofauna, como o piraiaba, gigantesco peixe de couro que chega a pesar 200 quilos.

Além das 20 mil espécies vegetais, das quatro mil espécies animais e das 30 mil espécies de insetos, a Amazônia é habitada por minorias étnicas. De um lado, as inúmeras tribos de índios e suas centenas de dialetos, mais

tarde divididas em quatro famílias lingüísticas — os tupi-guaranis, os aruaques, os caribes e os gês. De outro, negros, judeus e japoneses — também minorias —, cujo aparecimento na Amazônia Bertelli conseguiu descrever em detalhes.

Diante de tamanha riqueza, o escritor Bertelli define: "A Amazônia não é somente herança dos brasileiros. É uma conquista. E o mais sério desafio que o Brasil já enfrentou em relação às gerações que estão por vir. Um desafio que o Brasil tem de enfrentar sozinho, por imposição de seus credores".

A verdadeira vocação da região, sustenta Bertelli, é agropastoril e mineral, além de um grande potencial hidrelétrico. "A Amazônia só não tem vocação para ser alvo da cobiça internacional, como um ecossistema que o Brasil não pode explorar." Por isso, na sua opinião, a Amazônia precisa ser manejada de forma cada vez mais racional e científica.

Tais aspectos também são abordados em *A Amazônia*, que descreve ainda os ciclos da borracha e do cacau, sobrevoa a Zona Franca de Manaus e a Ilha de Marajó, acompanha a extensão das queimadas e os efeitos da devastação e mostra uma fantástica galeria de desbravadores da região.